



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, CRIAÇÃO E INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO**

**DAISY SANTOS DE ALMEIDA**  
**MARIA CONSTANTINA CAPUTO**

**ATIVIDADE CURRICULAR EM COMUNIDADE - ACC 2010-2012:**  
**ANÁLISE DOS SEUS IMPACTOS NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS DA UFBA.**

Salvador

2014

DAISY SANTOS DE ALMEIDA  
MARIA CONSTANTINA CAPUTO

**ATIVIDADE CURRICULAR EM COMUNIDADE - ACC 2010-2012:**  
ANÁLISE DOS SEUS IMPACTOS NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS DA UFBA.

Relatório de pesquisa apresentado a Pró-reitoria de  
Pesquisa, Criação e Inovação e Pós-Graduação.  
Referente ao edital 01/2011 – PROUFBA  
ENCOMENDA

Coordenadora: Profa. Dra. Maria Constantina  
Caputo.

Salvador

2014

## AGRADECIMENTOS

Aos alunos bolsistas e aos voluntários que contribuíram no desenvolvimento deste projeto.

Aos discentes e docentes que se disponibilizaram à participar deste estudo.

A professora Carmen Fontes Teixeira pela revisão deste relatório.

A todos um muito obrigado!

## RESUMO

O presente estudo busca analisar o impacto das Atividades Curriculares em Comunidade (ACCs), na formação dos alunos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), bem como no desenvolvimento das comunidades envolvidas. Utilizou-se uma metodologia quali quantitativa, que contemplou a aplicação de questionários semiestruturados a um grupo de 131 alunos dos diversos cursos de graduação da UFBA que realizaram ACCs nos anos de 2010 a 2012. Também foram realizadas entrevistas narrativas com 40 coordenadores e com 38 integrantes das comunidades envolvidas. Os dados qualitativos foram analisados mediante análise de conteúdo e os quantitativos foram processados pelo software estatístico STATA v.11. Os resultados apresentados e discutidos incluem a caracterização das ACCs, a descrição e análise das concepções dos discentes e docentes sobre extensão universitária, a caracterização das metodologias utilizadas nas ações das ACCs e o impacto destas na formação discente.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Formação. Educação superior. Atividade Curricular em Comunidade.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
1.1. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFBA.....	9
1.2. ATIVIDADE CURRICULAR EM COMUNIDADE – ACC.....	12
2. OBJETIVOS.....	15
2.1. Objetivo geral.....	15
2.2. Objetivos específicos.....	15
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	15
3.1. Tipo de estudo.....	15
3.2. Campo de estudo.....	15
3.3. Participantes do estudo.....	16
3.4. Técnicas e instrumentos de coleta e análise de dados.....	17
3.5. Aspectos éticos.....	18
4. RESULTADOS.....	19
4.1. Caracterização das ACCs.....	19
4.2. Concepções de extensão.....	26
4.3. Impactos da ACC na formação discente.....	32
5. DISCUSSÃO.....	36
6. REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES.....	46

## 1.INTRODUÇÃO

Os primórdios da prática extensionista são marcados pela disseminação de conhecimento, quando as Universidades Europeias concebiam e adotavam a extensão como meio de contribuir no desenvolvimento das camadas populares, através de atividades educativas que visavam, fundamentalmente a qualificação da força de trabalho inserido no processo de produção. O “modelo extensionista” Europeu surge como subproduto da revolução industrial inglesa, no século XIX, no formato de cursos, numa didática para educação de adultos, oferecidos no horário oposto ao turno de trabalho, comumente turno noturno, com temas relacionados unicamente às suas profissões (CARNEIRO, 1985). A criação de um departamento na universidade inglesa, intitulado de extensão universitária evidencia um conceito de extensão, entendia, segundo Carneiro (1985, p.28) como

O conjunto de ações educativas e culturais, de iniciativa da universidade, voltadas para o atendimento a uma grande massa de adultos analfabetos. Essas ações recebem a forma de cursos breves e se destinam, basicamente, a trabalhadores adultos.

Enquanto o “modelo extensionista” Norte Americano, por outro lado, associado à ideia de prestação de serviço (NETO, 2002), se estruturou em duas linhas de atuação: a extensão cooperativa e a extensão universitária. (GURGEL, 1986). A extensão cooperativa, datada de 1914, com caráter colaborativo, efetiva-se com a participação do governo federal, dos estados e municípios ou cidades, irrestrita ao financiamento, com o objetivo de assistir a produção no meio rural, com programas de assistência técnica aos agricultores, economia doméstica e desenvolvimento de recursos humanos. A Extensão universitária, ao contrário da cooperativa Contemplava inicialmente a realização de cursos dirigido a população adulta, com o objetivo de oferecer uma formação supletiva<sup>1</sup>, porém aos poucos perde essa característica e assume moldes de profissionalização (GURGEL, 1986).

Na América Latina, por sua vez, a extensão universitária tem importante marco histórico com o movimento ocorrido na Universidade de Córdoba, Argentina, em 1918 (BENVENUT, 2006). O movimento reformista, liderado por estudantes da

---

<sup>1</sup> Essa formação supletiva consistia em complementar a formação básica e até alfabetizar a população economicamente ativa.

Universidade de Córdoba, elaborou propostas de reforma universitária visando promover a autonomia da instituição diante do Estado. No Manifesto de Córdoba, os estudantes contestavam as cátedras, os métodos docentes autoritários, e a administração burocrática a que a instituição de ensino superior estava submetida, reivindicando uma universidade democrática com autonomia política de docência, administrativa e financeira (GUERGEL, 1986). Entre as reivindicações propunham a extensão da Universidade para além dos seus limites através da difusão da cultura universitária, ou seja, uma “universidade aberta ao povo”, além de uma assistência social aos estudantes. (NETO, 2011).

O movimento estudantil de Córdoba evidencia o questionamento da universidade latino americana, tradicional e fechada, diante de uma sociedade em busca de novos objetivos em vias da modernização (BERNHEIM, 1978 apud GURGEL, 1986). De acordo com Carneiro (1985), Gurgel (1986) e Neto (2002), no movimento de Córdoba a extensão era apontada como fortalecedora da função social da universidade, objetivando a participação de segmentos universitários nas lutas para transformação da sociedade. A partir disso, a questão da missão social da universidade passou a constar efetivamente nos discursos oficiais e nas propostas de reforma da estrutura universitária vigente.

No Brasil, a primeira prática extensionista ligada ao ensino superior foi esboçada na Universidade Livre de São Paulo através da criação dos “cursos de extensão”. Estes, ainda hoje, representam a prática extensionista mais conhecida nacionalmente. No decreto nº 19.851 de 11/04/1931, da Constituição Federal Brasileira, faz-se referência oficial à extensão como espaço para realização de cursos, conferências e outras atividades educativas no espaço acadêmico (SANTOS, 2010; FORPROEXT, 2006) voltados ao público externo.

Com a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), vinte anos depois da elaboração do Manifesto de Córdoba, estudantes brasileiros retomam seus ideais, e propõem, em 1938, a ideia de universidade popular. No Segundo Congresso Nacional dos Estudantes, em Dezembro de 1938, lança-se o Plano de Sugestões para uma Reforma da Educação Brasileira (GURGEL, 1986) que inclui a concepção de uma “universidade a serviço do povo”. De fato, a definição das funções das universidades brasileiras é enfatizada n Plano de Sugestões, incluindo-se, entre elas a transmissão e desenvolvimento do saber e a difusão cultural com o objetivo de aproximar a universidade da sociedade. Este documento, intimamente inspirado nas propostas de

Córdoba, contempla a necessidade da autonomia universitária, democratização universitária e a reformulação da estrutura acadêmica, concedendo importância à extensão universitária, a ser operacionalizada através de cursos de extensão direcionados para o “povo”, de modo a configurar “universidades populares”. (Gurgel, 1986).

As discussões nas faculdades sobre a necessidade e a possibilidade da “reforma universitária” no Brasil foram retomadas na década de 50, quando se discutia a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Em 1961, foi realizado o primeiro Seminário Nacional de Reforma Universitária, que teve como produto a Declaração da Bahia, um dos documentos mais trabalhados da UNE, sobre a reforma universitária. Este documento evidencia como uma sociedade pode se limitar às transformações diante de uma universidade que não consegue cumprir suas funções, já que existe a influência da universidade na sociedade e vice versa (GURGEL, 1986). Nessa declaração é traçada uma proposta para uma Universidade comprometida com as necessidades populares, destacando-se o papel da extensão universitária no que tange à criação de cursos acessíveis, prestação de serviços, e disponível a serviço dos órgãos não governamentais (BOTOMÉ, 1996).

Em 1966 foi criado Projeto Rondon, onde a Universidade servia ao Estado, sem autonomia para exercer seu papel de problematizadora, com o objetivo de aproximar os estudantes do modelo tecnicista da época (FORPROEXT, 2006).

Notoriamente, a partir de 1968, com a Reforma Universitária, a extensão passou, efetivamente, a compor o discurso governamental, contando com meios para operacionalização de ações da universidade em relação à comunidade. Em 1975, baseado na lei nº 5.540, foi divulgado o Plano de Trabalho da Extensão Universitária que contemplava, através da extensão, programas para melhoria das condições da vida da população (GURGEL, 1986).

Na década de 80, marcada pela reativação dos movimentos sociais, a proposta de extensão transita entre a ideia de assistencialismo e emancipação. A Constituição Federal de 1988 legisla que as universidades têm autonomia sobre as suas práticas acadêmicas respeitando a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão (BRASIL, 1988). Já na década de 90, após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9394/96) e o Plano Nacional de Extensão Universitária (1999 –

2001), essa indissociabilidade<sup>2</sup>, elucida uma reflexão acerca do papel social da universidade (CARBONARI, 2007).

Em 1998, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) elabora o Plano Nacional de Extensão Universitária, rumo a institucionalização da Extensão Universitária. Após algumas discussões sobre os limites e as possibilidades desse plano, elaborou-se uma prévia do que seria a Política Nacional de Extensão Universitária, que foi apresentada no XXVI Encontro Nacional do FORPROEX, realizado em novembro de 2009. No ano seguinte, esse documento foi discutido no XXVII Encontro Nacional, realizado em Fortaleza.

Após incorporação das contribuições dos representantes das Universidades Públicas participantes do XXXI Encontro Nacional, em 2012, a Política Nacional de Extensão Universitária foi aprovada estabelecendo objetivos para transformar a extensão universitária brasileira em um mecanismo de articulação entre universidade e a comunidade, visando a democratização do conhecimento acadêmico e a produção de novos conhecimentos. Este documento ressalta a relevância da interdisciplinaridade nas atividades de extensão para a formação dos discentes, na tentativa de superar a dicotomia entre a visão holística e especializada das ações extensionistas (FORPROEXT, 2012).

### **1.1. Extensão Universitária na UFBA**

No âmbito da Universidade Federal da Bahia o professor Edgar Santos, enquanto Reitor no período 1946 a 1961, já idealizava a formação do aluno alicerçada pelo ensino, pesquisa e extensão (MARQUES, 2005).

A UFBA foi criada a partir da reunião de faculdades isoladas, através do decreto lei nº 9.155 sob o reitorado de Edgar Santos, que dedicou esforço especial para sua ampliação, já que idealizava uma formação mais humanística com enfoque principal na valorização da cultura. O Hospital das Clínicas, a Escola de Teatro, a Escola de Dança, a Faculdade de Arquitetura, a renovação do Instituto de Letras e da escola de Belas

---

<sup>2</sup> A articulação entre ensino, pesquisa e extensão pode favorecer o protagonismo do estudante no seu processo de formação técnica, onde ele adquire capacidade de questionar e pensar criticamente sobre a aplicação do conteúdo teórico estudado, o que pode contribuir para no processo de ensino aprendizagem (FORPROEXT,2012; ACIOLI, 2008).

Artes, foram algumas das ações que marcaram o reitorado do professor Edgar Santos, que buscou principalmente nas artes e nas letras, a fuga da formação unicamente profissionalizante predominante nas escolas preexistentes. Em 1952, a Universidade começa a receber investimentos federais, o que fortaleceu e ampliou a atuação do então reitor, com a criação de novos prédios, implantação de novos cursos e assistência aos estudantes<sup>3</sup>. Edgar Santos entendia que a universidade deveria atender as necessidades da sociedade e que a extensão deveria ser este caminho (MARQUES, 2005).

Com o advento da reforma universitária de 68, após a grande crise sofrida pela UFBA, a extensão foi introduzida oficialmente na instituição como órgão executivo, passando para Coordenação Central de Extensão, e em 1979 torna-se a Pró- Reitoria de Extensão (SILVA, 2011; UFBA, 1990).

Além da assistência em saúde disponível no Hospital das Clínicas, outras ações extensionistas se desenvolveram na UFBA. A Coordenação de Extensão, precedida pelo Departamento Cultural no início da década de 70, coordenada por Valentin Rafael Simon Joaquim Calderon de La Vara, inicia os cursos de extensão (entre 1967 e 1971). De 1971 a 1975, o então coordenador Professor Joildo Athayde deu continuidade aos cursos e organizou um trabalho com exposição de filmes e outros trabalhos sobre a vida indígena. O professor Fernando da Rocha Peres, marcou sua passagem pela Coordenação de Extensão (1974 e 1975) com seminários sobre o Nordeste, realizados no Museu de Artes Sacra da Bahia (UFBA, 1990).

O professor José Calasans teve uma gestão curta, permanecendo no departamento apenas no ano de 1986, sem deixar de dar continuidade às ações que estavam sendo realizadas. Sua sucessora, professora Solange Lâmega Vieira Borges, além de manter as atividades que já vinham sendo realizadas, marcou sua passagem pelo departamento enfatizando a participação dos estudantes nordestinos nas ações, e permitiu a realização de dois trabalhos com o apoio da fundação Rockefeller, com destaque para o PRODESCA, que atingia o Recôncavo Baiano, com aulas de xilogravura, pintura e desenho, ministradas por alunos de diferentes cursos da escola de belas artes da Universidade (1976 a 1979), e ao final acontecia a exposição dos trabalhos produzidos pelos participantes (UFBA, 1990).

De 1979 a 1983 a coordenação ficou sobre o comando do professor maestro Ernest Widmer, que não deixou de apoiar os cursos de extensão e dar continuidade aos

---

<sup>3</sup> Criou a residência universitária, a assistência estudantil, e o restaurante universitário.

eventos iniciados anteriormente pela coordenação. Nesse período é criado o Campus avançado de Barreiras, um projeto multi e interdisciplinar para proporcionar aos estudantes contato direto com a realidade do interior do estado. Os participantes do projeto viajavam para o interior para estagiarem em diversas disciplinas, sendo que, para as áreas de educação e enfermagem esses estágios eram curriculares. Nessa mesma gestão, a assessora de extensão, professora Edileuza Galdenzi, lança uma edição da Revista Colóquio, que possibilitou a divulgação dos trabalhos no campo da extensão (UFBA, 1990).

A extensão, nos anos de 1983 a 1987, já como Pró-Reitoria de Extensão, teve como pró-reitor o Professor Piero Bastianelli, e suas atividades coordenadas pelo Professor Antônio Amâncio Jorge da Silva. Nessa gestão, além de dar continuidade às ações já desenvolvidas até então, incluindo a distribuição da revista Colóquio, a pró-reitoria participou da elaboração do projeto Centro de Desenvolvimento Rural (CDR), que tinha como objetivo capacitar estudantes de nível superior, produtores, e técnicos em tecnologias agrícolas, nas áreas de agricultura irrigada e áreas sociais, essa segunda pensando nas demandas a nível regional, estadual, e até, nacional que existiam e que poderia surgir no futuro (UFBA,1990).

Nos anos de 1988 e 1989 o professor Geraldo Cezar de Vinhares Torres, então pró-reitor de extensão, apoiou vários projetos das escolas de dança, música e belas artes. O professor Torres concretizou o desejo da Escola de Agronomia de Cruz das Almas em ter representação próxima ao centro de decisões da UFBA, que passou a funcionar nas instalações da pró-reitoria de extensão. Após sua aposentadoria, o professor Francisco Soares Senna assume a pró-reitoria (UFBA, 1990). É possível notar que até esse momento as atividades extensionistas tinham uma forte vertente para as artes, talvez por sua origem no Departamento Cultura, que assumiu essa atribuição.

O primeiro Seminário de Extensão da UFBA, realizado em 1992, teve como resultado uma proposta para definir uma Política de Extensão Universitária para a Universidade. Essa proposta aponta para a vocação extensionista da UFBA, com destaque para a Faculdade de Medicina, com a prestação de serviços no Hospital das Clínicas, Climério de Oliveira, e Hospital pediátrico, e para a Faculdade de artes, com a criação de grupos profissionais, o Teatro Santo Antônio (atualmente denominado Teatro Martim Gonçalves) e a Galeria de Artes da Escola de Belas Artes. Destaca-se também, um déficit significativo dos Programas Interdisciplinares de Integração Universitária, e

cita o “Projeto Cansação”, elaborado na gestão do professor Ernest Widmer, como uma pequena iniciativa de interdisciplinaridade (UFBA, 199-).

Em 1996, mesmo ano do lançamento da LDBEN, a Câmara de Extensão do Conselho de Coordenação da UFBA, publica a Resolução nº 002/96, onde a extensão na UFBA é definida como “elo dessas atividades com os diferentes segmentos sociais, objetivando o desenvolvimento social”. Neste documento são estabelecidas duas modalidades de extensão, as atividades e os programas extensionistas. As atividades, definidas como ações organizadas através de projetos com objetivos específicos, podem ser cursos eventos e serviços, enquanto os programas são conjuntos de ações com objetivos gerais comuns e objetivos específicos diferentes (UFBA, 1996).

Em 2012, foi aprovada, pelo Conselho Acadêmico de Pesquisa e Extensão, a resolução nº02/12 que regulamenta a Extensão Universitária com base na Política Nacional de Extensão, lançada no mesmo ano, e afirma, no capítulo II, artigo 4º, que a Universidade “manterá diálogo permanente com a sociedade mediante as ações e programas extensionistas” (UFBA, 2012).

Pelo exposto a trajetória da extensão universitária na Universidade Federal da Bahia é marcada pela tentativa de aproximar a universidade da sociedade, numa perspectiva de desenvolvimento social e formação humanística, dentro do legado deixado pelo professor Edgar Santos no advento da construção da UFBA.

## **1.2. Atividade Curricular Em Comunidade – ACC**

No ideário da renovação das atividades de extensão da UFBA foi criado, no segundo semestre de 1996, o programa UFBA em campo, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da universidade, com o objetivo de “construir caminhos para um diálogo entre a universidade e a sociedade através da articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão” (SILVA, 2007; SILVA, 2011; UFBA, 1998).

O programa surgiu a partir da realização do *IV Seminário de Extensão* e após um diagnóstico sobre as práticas de extensão na UFBA, com a prioridade da crítica a um conceito tradicional de extensão, limitado à mera prestação de serviços, ou à reprodução de cursos e eventos (UFBA, 1998).

O programa se constituiu de projetos realizados junto a grupos sociais/comunitários da cidade de Salvador, região metropolitana e cidades do interior do estado da Bahia, por grupos de alunos sob a coordenação de um professor. Segundo

seus proponentes, este programa visava “articular uma mudança de cultura na universidade e de compreensão do papel social da instituição, para transpor a postura autárquica da universidade” (SILVA,2011).

O “UFBA em campo” aconteceu em três momentos específicos. O primeiro momento, como já foi dito anteriormente foi no segundo semestre de 1996, quando as ações foram desenvolvidas sem apoio financeiro, e sem a participação dos professores em campo com os alunos, ainda no reitorado de Felipe Serpa. O segundo momento, em 1999, foi realizado com financiamento externo e oferta de bolsas de extensão para os discentes e presença dos professores em campo. Na terceira versão do UFBA em campo o financiamento externo se manteve mas as bolsas para os graduandos passaram a ser provenientes da própria UFBA (SILVA, 2007).

No ano de 2001 a universidade implantou experimentalmente o programa “UFBA em campo – ACC” (Atividade Curricular em Comunidade) no currículo das graduações, baseado nas experiências positivas com o programa em anos anteriores (SILVA, 2007). Nesta experiência a atividade se desenvolve com carga horária definida em 68 horas e em caráter de atividade complementar, com o objetivo de “contribuir para construção da cidadania dos universitários” (SILVA, 2007). Em 2003, a ACC (não mais UFBA em campo –ACC) passa a ser programa permanente da UFBA para articulação das atividades de ensino, pesquisa e extensão, permanecendo vigente até os dias atuais.

A ACC, portanto, é uma atividade de extensão desenvolvida por docentes e discentes da UFBA na perspectiva científica, educativa e cultural para construção de um diálogo entre instituição e a comunidade (SILVA, 2007). Esta atividade é um componente curricular de natureza complementar<sup>4</sup> dos currículos dos cursos de graduação para promoção de diálogos com a sociedade com o objetivo de produzir novos conhecimento e contribuir para a construção de cidadania nos estudantes (UFBA, [2011?]).

No período correspondente à gestão do professor Naomar de Almeida Filho (2002-2010) , o Governo federal lançou o programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, com o objetivo de fomentar a ampliação do acesso e permanência dos estudantes na educação superior, bem como a melhora da qualidade do

---

<sup>4</sup> Em 2013, com a resolução nº01/2013, as ACCs passam a ser denominadas de Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS), e não mais Atividade Curricular em Comunidade (ACC). Além da nova nomenclatura a atividade sai do patamar de atividade complementar e é alocada na modalidade de disciplina de natureza optativa, nos currículos de graduação e pós- graduação (UFBA, 2013). Como este trabalho trata-se de um período anterior a esta resolução continuaremos a tratar de ACC e não ACCS.

ensino e o melhor aproveitamento da estrutura física e dos recursos humanos das Universidades Federais (BRASIL, 2007).

A UFBA aderiu ao REUNI em 2007, contexto no qual foram desencadeadas várias mudanças na estrutura acadêmica da instituição, com a criação de cursos novos e a ampliação significativa de vagas na graduação e na pós-graduação (TEIXEIRA, COELHO e ROCHA, 2013) Com isso, ampliou-se a oferta de ACCs, expandindo-se o número de alunos matriculados nestas atividades.

Considerando que até o momento foi realizado apenas um trabalho tratando da implementação dos ACC na UFBA (SILVA,2007), decidiu-se realizar uma pesquisa sobre a o impacto da inserção em ACC na formação dos alunos, tomando como objeto as ACC realizadas pelas diversas unidades acadêmica da UFBA no período 2010-2012. A pergunta inicial central da investigação foi formulada com o intuito de se analisar a contribuição da ACC na formação acadêmica, profissional e cidadã dos alunos de graduação da UFBA e o impacto destas atividades nas comunidades envolvidas, levando-se em conta os objetivos definidos pelos projetos de ACC realizadas em cada comunidade.

## **2.OBJETIVOS**

### **2.1.Objetivo geral**

O Objetivo geral, portanto é analisar o impacto das Atividades Curriculares em Comunidade (ACCs) realizadas no período de 2010 a 2012, na formação acadêmica, pessoal, e profissional, dos alunos da UFBA, bem como nas comunidades envolvidas.

### **2.2. Objetivos específicos**

- Caracterizar as ACCs da UFBA (curso proponente, temas abordados, perfil dos alunos participantes, objetivos definidos, metodologias utilizadas)
- Identificar as concepções e práticas dos coordenadores e alunos participantes das ACCs acerca da extensão universitária;
- Discutir a contribuição dos ACC na formação acadêmica e no desenvolvimento do potencial de mobilização social e política das comunidades envolvidas.

## **3. PERCURSO METODOLÓGICO**

### **3.1. Tipo de estudo**

Trata-se de uma pesquisa de campo do tipo exploratória, de abordagem quali-quantitativa, contemplando uma visão geral acerca das ACCs na UFBA e seu impacto na formação acadêmica, pessoal, e profissional, dos discentes da UFBA.

### **3.2. Campo de estudo**

Para delimitar o campo de estudo realizou-se um levantamento, na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia (PROEXT-UFBA), de todas as Atividades Curriculares em Comunidade (ACCs) cujas propostas de trabalho/projeto<sup>5</sup> foram aprovadas nos anos de 2010, 2011 e 2012, nos diferentes *campi* da Universidade, já que estas atividades são geridas pela mesma pró-reitoria. Estas

---

<sup>5</sup> Para ofertar ACC o professor coordenador elabora um projeto e submete a avaliação da Pró-Reitoria de Extensão (PRÓEXT). Se aprovado a ACC é divulgada e ofertada aos discentes. Após realização da atividade, que dura um semestre, o coordenador juntamente com o monitor daquele período, elabora um relatório final e apresenta à PRÓEXT, juntamente com a prestação de contas do recurso recebido para realização da ACC. O projeto é válido por um ano, mas o relatório final tem que ser entregue todo final de semestre.

propostas de ACCs foram analisadas, juntamente com seus respectivos relatórios, apresentados pelos coordenadores à PROEXT-UFBA. Com isso identificamos 72 atividades registradas no período. A partir dessa análise foram estabelecidos os critérios de inclusão deste estudo: a ACC deveria ter sido efetivada com a entrega do relatório final, e as atividades terem sido ofertadas por no mínimo dois semestres, consecutivos ou não. Assim 57 atividades adequaram-se aos critérios de inclusão da pesquisa.

Como parte da investigação, comunidades de Salvador e Região Metropolitana e do interior do estado da Bahia onde as ACCs aconteceram foram visitadas (tabela 1). Algumas durante a realização das atividades em um processo de observação participante, que possibilitou captar variadas situações as quais auxiliou o esclarecimento de algumas questões de investigação, em um total de 25 idas a campo.

**Tabela 1.** Quantidade de ACC visitadas por regiões onde aconteceram, Salvador -BA, 2014.

Comunidade	Quantidade
Colégios Estaduais de Salvador	5
Cidades da Região metropolitana de Salvador	3
Cidades do Interior do estado da Bahia	8
Grupos sociais e comunitários em Salvador	9
Total	25

**Fonte:** Elaboração própria

### 3.3. Participantes do estudo

A escolha dos participantes se estabeleceu diante da disponibilidade dos mesmos em participar. Inicialmente foi idealizado agregar a este estudo 150 alunos que haviam participado de ACCs no referido período, entrevista com todos os professores que coordenaram as ACCs incluídas nessa pesquisa e entrevistar também integrantes das comunidades e grupos sociais com as quais as atividades foram desenvolvidas. Porém surgiram algumas dificuldades para tais ações. Para contatar os estudantes e as comunidades envolvidas foi necessário entrar em contato inicialmente com os respectivos coordenadores das ACCs, que em alguns casos não tinham disponibilidade de horário para o atendimento, ou não demonstraram interesse em participar da pesquisa, e ainda, quando contatados alguns professores não tinha mais os contatos dos

seus ex-alunos de ACC, ou não tinham o contato de pessoas da comunidade envolvida nas ações. Assim, utilizamos amostragem não probabilística por acessibilidade, que é o método menos rigoroso de amostragem e por isso não requer qualquer rigor estatístico (GIL, 2008). Este tipo de amostragem pode estar sujeita a vícios de seleção porém não é um procedimento reprovável em uma pesquisa de cunho qualitativo (JÚNIOR, 2009). Das 57 ACCs que compõem este trabalho foram entrevistados 44 coordenadores, e 39 integrantes de comunidades nas quais as atividades transcorreram.

### **3.4. Técnicas e instrumentos de coleta e análise de dados**

A abordagem com os alunos se deu através de um questionário semiestruturado (apêndice 1), que contempla uma descrição do perfil dos alunos, a caracterização das atividades de extensão desenvolvidas, assim como suas concepções sobre o tema, bem como a influência de tais atividades na formação acadêmica e profissional e cidadã dos mesmos. Além disso contemplou questões acerca da interação das comunidades com a universidade visando apreender sua percepção acerca do impacto social das ACCs.

Já com os coordenadores das atividades foram realizadas entrevistas narrativas (apêndice 2), nas quais são descritas as atividades desenvolvidas, motivação para promover uma atividade extensionista, os objetivos pretendidos para os alunos e para a comunidade, as facilidades e dificuldades encontradas no desenvolvimento das ações, dentre outros aspectos. Além disso utilizou-se a observação participante para contextualizar as entrevistas e identificar os possíveis impactos destas atividades nas comunidades e/ou grupos sociais envolvidos.

As informações qualitativas foram submetidas à análise de conteúdo, tendo sido elaboradas categorias para classificação dos conteúdos dos documentos e das respostas às perguntas efetuadas entrevistas e dos questionários. Cada bloco de dados foi então sistematizado segundo categorias e subcategorias (Apêndice 3 e 4), constituindo-se matrizes que subsidiaram a redação dos resultados.

Após a análise qualitativa as informações ganharam representações numéricas, digitados em planilhas eletrônicas e exportados para o software estatístico STATA v.11 para geração dos resultados quantitativos. Os dados foram apresentados através de medidas descritivas (médias e desvio padrão) e distribuições de frequências univariadas.

Faz-se necessário salientar que os diversos métodos e instrumentos adotados foram utilizados de modo articulado, o que possibilitou uma visão abrangente, através

de diversas dimensões, sobre o impacto das ACCs da UFBA na formação de seus estudantes.

### **3.5. Aspectos éticos**

Este trabalho foi avaliado e aprovado pelo comitê de ética do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, sob CAAE nº 05431612.0.0000.5030, pois trata-se de uma pesquisa que envolve discentes, docentes coordenadores destas atividades e pessoas das comunidades onde as ações ocorreram. Foi elaborado Termo de Consentimento Livre Esclarecido (apêndice 5), apresentado e assinado pelos participantes quando da realização de entrevistas e aplicação de questionários. Todo material coletado foi direcionado para uso na pesquisa, preservando a privacidade e confidencialidade dos dados. Vale ressaltar que os participantes da pesquisa terão acesso à pesquisa, em qualquer momento, quando solicitado.

## 4. RESULTADOS

### 4.1. Caracterização dos ACC - UFBA 2010-2012

A oferta de ACC na UFBA no período estudado foi crescente, envolvendo a cada ano um número maior de docentes e de estudantes. Conforme os dados apresentados na Tabela 2, de 2010 para 2011 a oferta de ACC cresceu 66,7%, elevando-se ainda um pouco mais no ano seguinte (3,5%). O número de alunos envolvidos nestas atividades praticamente dobrou no período. Considerando-se, todavia, a quantidade de docentes efetivos da instituição, constata-se que a oferta de ACC por docente ainda é pequena<sup>6</sup>, em 2012 a cada 24 docentes apenas 1 ofertou ACC.

**Tabela 2.** Indicadores de oferta de ACCs no período 2010 - 2012. UFBA, 2013.

<b>Indicador</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
Total de docentes efetivos na UFBA	1.936	2.081	2.103
Total de alunos matriculados nas ACCs	640	997	1.208
Varição Total de alunos matriculados em ACCs	-	55,8%	21,2%
Total de ACCs ofertadas	51	85	88
Varição Total de ACCs ofertadas	-	66,7%	3,5%

**Fonte:** Elaboração própria. Dados da Proplan/Proext - UFBA (2013)

### Distribuição dos ACCS por temas e área de conhecimento

Do total de ACCs oferecidos neste período, obtivemos informações sobre 57<sup>7</sup>, os quais foram classificados por áreas do conhecimento e por temas abordados. A classificação por áreas de conhecimento foi definida de acordo com a unidade acadêmica à qual o coordenador está vinculado, levando-se em consideração a

<sup>6</sup> Caso cada docente oferecesse pelo menos um ACC, percebe-se que a oferta cresceria significativamente e conseqüentemente a quantidade de alunos matriculados em ACCs também.

<sup>7</sup> Lista das 57 ACCs, com os cursos dos discentes respondentes dos questionários está no apêndice 6.

distribuição das unidades por áreas de conhecimento conforme definida na estrutura organizacional da UFBA<sup>8</sup> (apêndice 7),

Os temas abordados foram classificados em quatro categorias: Promoção da saúde e qualidade de vida, Educação ambiental, Educação científica e Prestação de serviços. A categoria Promoção da saúde e qualidade de vida inclui os ACCs cuja temática e finalidades são relativas ao *empowerment*<sup>9</sup> individual e comunitário, promoção de cidadania, valorização cultural, e educação em saúde (BUSS,2000). Na categoria Educação ambiental, agrupamos as atividades cujas ações e objetivos estão relacionados com reciclagem, reutilização, preservação ambiental (da fauna e da flora). A categoria Educação científica agrupou atividades cujas ações abrem o espaço universitário para escolas que tem acesso precário ao conteúdo científicos, com o objetivo de complementar a aprendizagem do ensino fundamental e médio. A prestação de serviços agrupou as ACCs cujo objetivo era apenas prestar assistência (técnica, jurídica, de saúde, entre outros) para grupos específicos.

Das ACCs que integram esta pesquisa, 33 estão concentradas na área II (tabela 3), das quais 69,7% são ações de promoção da saúde. A área I ofertou no período estudado 7 ACCs, das quais apenas uma (14,29%) trata da temática de promoção da saúde e qualidade de vida, as demais se distribuem igualmente entre a prestação de serviços técnicos e educação ambiental. Das 8 ACCs ofertadas por coordenadores vinculados a institutos da área III, 6 são de promoção da saúde e qualidade de vida, uma de prestação de serviços (jurídicos) e outra de educação ambiental. A área de letras não ofertou nenhuma atividade no referido período e a área V ofertou apenas 3 ACCs cuja temática estava integrada à promoção da saúde e qualidade de vida. Os Bacharelados Interdisciplinares ofertaram 6 ACCs e todos também sob a temática da promoção da saúde e qualidade de vida. O CST não ofertaram ACC entre 2010 e 2012.

---

<sup>8</sup>A Área I- Ciências exatas e seus afins, a II- ciências da saúde; III as ciências sociais e humanas, a IV são os cursos de letras, e a Área V- artes. Além das 5 áreas a UFBA considera os Bacharelados Interdisciplinares (BIs) e Cursos Superiores de Tecnologia (CST) como áreas distintas do conhecimento.

<sup>9</sup> O *empowerment* é o eixo de atuação da Promoção da Saúde, cujas ações pretendem promover ao indivíduo ou ao coletivo condições para que estes tenham autonomia e controle sobre os determinantes da sua saúde (CARVALHO, 2004)

**Tabela 3** :Temas abordados nas ACCs por área do conhecimento (n=57). Salvador - BA, 2014.

<b>Área do conhecimento*</b>	<b>Temas abordados nas ACCs</b>	<b>n (%)</b>
<b>Área I</b>	• Promoção da saúde e qualidade de vida	1 (14,29)
	• Educação ambiental	3 (42,85)
	• Prestação de serviços	3 (42,85)
Subtotal		7 (100)
<b>Área II</b>	• Promoção da saúde e qualidade e vida	23 (69,70)
	• Educação ambiental	4 (12,12)
	• Prestação de serviço	3 (9,09)
	• Educação científica	3 (9,09)
Subtotal		33 (100)
<b>Área III</b>	• Promoção da saúde e qualidade de vida	6 (75,00)
	• Educação ambiental	1 (12,50)
	• Prestação de serviço	1 (12,50)
Subtotal		8 (100)
<b>Área IV</b>	Não ofertou ACC no período estudado	-
<b>Área V</b>	• Promoção da saúde e qualidade de vida	3 (100)
	Subtotal	
<b>Bacharelados Interdisciplinares (BIs)</b>	• Promoção da saúde e qualidade de vida	6 (100)
	Subtotal	
<b>Cursos Superiores de Tecnologia</b>	Não ofertou ACC no período estudado	-
Total		57

**Fonte:** Elaboração própria. **Nota:** \*Classificação UFBA.

As ACCs cuja a temática é a Promoção da Saúde e qualidade de vida, são predominantes na área da saúde e das ciências sociais, porém, observando a tabela, é possível notar que todas às áreas que ofertaram a atividade, tem ACC com essa proposta, reafirmando a transversalidade na abordagem do tema. As ACCs de promoção da saúde representam mais da metade das atividades incluídas neste trabalho

(39 atividades têm como tema a promoção da saúde e qualidade de vida). As abordagens variam de área para área, por exemplo a ACC da área I tem como abordagem a melhoria das condições de trabalho, enquanto às da área II, em sua maioria tem enfoque na educação em saúde. Já na área III trata-se sobre o direito de cidadania, enquanto as ACCs da área IV tem maior enfoque na valorização e preservação cultural. As atividades ligadas aos bacharelados interdisciplinares cuja a abordagem é a promoção da saúde e qualidade de vida, em sua maioria abordam a participação social na garantia do direito constitucional à saúde na perspectiva do conceito ampliado de saúde.

A saúde não é garantida apenas no setor saúde. As discussões sobre a promoção da saúde e qualidade de vida esclarecem a importância da participação social, da interdisciplinaridade e da intersetorialidade para dar conta de questões de saúde e doença, já que as condições de vida e de saúde são determinadas socialmente. Ainda que de maneira isolada, sem a articulação desejada, as ações desenvolvidas por cada área do conhecimento são de fundamental importância para dar conta das demandas sociais e da garantia da saúde das comunidades envolvidas nas ACCs (BUSS, 2000).

### **Caracterização dos discentes que participam de ACCs**

Os universitários participantes tem idade média de 24,5 anos ( $dp = \pm 5,3$  anos), sendo 67,2% na faixa etária de 20 a 25 anos (Tabela 4). A predominância do sexo feminino entre os 131 discentes que participaram deste estudo (64,1%) (tabela 4), pode ser justificada por vários fatores, o primeiro deles é pelo número crescente de mulheres que ingressam na educação superior, pela disponibilidade em participar da pesquisa, ou por um maior interesse em ações mais humanísticas e menos técnicas como é a propostas das ACCs.

Quanto à procedência escolar existe quase um equilíbrio entre os participantes, 55,7% (tabela 4) destes alunos cursaram o ensino médio em escola pública, enquanto 42,0% estudaram em escola privada. Esse equilíbrio pode ter sofrido grande influência das políticas de inclusão social para compensar as desigualdades de acesso à educação superior, que modificou significativamente o quando de matriculados da UFBA.

**Tabela 4.** Características sociodemográficas dos discentes (n=131). Salvador - BA, 2014.

<b>Características</b>	<b>n (%)</b>
<b>Grupo etário</b>	
< 20 anos	8 (6,1)
20 a 25 anos	88 (67,2)
26 a 30 anos	21 (16,0)
31 anos e mais	10 (7,6)
Sem informação	4 (3,0)
<b>Sexo</b>	
Masculino	47 (35,9)
Feminino	84 (64,1)
<b>Procedência (ensino médio)</b>	
Escola Pública	73 (55,7)
Escola Privada	55 (42,0)
Sem informação	3 (2,3)

Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 5.** Distribuição dos discentes participantes segundo área de conhecimento e cursos (n=131). Salvador - BA, 2014.

<b>Área do conhecimento*</b>	<b>%</b>	<b>Cursos</b>	<b>n</b>
Área I	13,7	Geografia	8
		Ciências da Computação	2
		Estatística	1
		Geologia	1
		Arquitetura e Urbanismo	2
		Engenharia Civil	2
		Engenharia Sanitária e Ambiental	1
		Engenharia de Produção	1
		Subtotal	18
Área II	35,1	Medicina veterinária	9
		Enfermagem	9
		Farmácia	8
		Fonoaudiologia	1
		Medicina	6
		Nutrição	3
		Odontologia	4
		Ciências biológicas	5
		Biotecnologia	1
Subtotal	46		

Área III	32,1	História	1
		Pedagogia	2
		Direito	7
		Psicologia	9
		Educação física	3
		Administração	1
		Ciências Contábeis	14
		Comunicação e Jornalismo	1
		Comunicação - Produção em	
		Comunicação e Cultura	1
		Serviço social	3
Subtotal		42	
Área IV	1,5	Licenciatura em Letras	2
		Subtotal	
Área V	0,8	Dança	1
		Subtotal	
Bacharelados Interdisciplinares (BIs)	14,5	Ciência e Tecnologia	2
		Saúde	17
		Subtotal	
CST	0,8	Gestão pública e gestão social	1
		Subtotal	
Sem informação	1,5	-	2
Total	100	-	131

**Fonte:** Elaboração própria. **Nota:** \*Classificação UFBA.

A tabela 5 apresenta a distribuição dos discentes por cursos e áreas do conhecimento, onde é possível observar que a maioria dos discentes que integram este estudo são da área II (35,1%), seguido das ciências humanas com 32,1%, o que pode ser justificado pela maior concentração de ACCs na área da saúde e das ciências sociais.

Como foi citado anteriormente a área IV não ofertou ACC, porém os alunos de letras foram buscar a atividade extensionista em outros institutos e faculdades da universidade. Houve uma grande dificuldade de obter retorno de questionários respondidos dos alunos da área V, o que pode justificar um número reduzido de discentes nessa área, já que neste trabalho estão incluídas três ACCs da escola de dança cuja maioria dos participantes são da mesma escola.

Diante da diversidade de discentes respondentes oriundos de diversos cursos chama a atenção para a participação dos alunos do BI em saúde que são maioria entre os participantes (17 respondentes). O projeto político pedagógico do curso contempla uma

carga horária reservada para que os alunos participem de atividades complementares que contribuam para a proposta de formação mais generalista alicerçada nas três culturas: humanística, artística e científica (TEIXEIRA, COELHO e ROCHA, 2013).

### **Abordagens metodológicas das ACCS**

As metodologias de ensino aprendizagem utilizadas foram identificadas e classificadas à partir da descrição e da observação das ações propostas e desenvolvidas durante a atividade de campo de cada ACC<sup>10</sup>. Após análise documental, dos projetos e relatórios das atividades, e das respostas dos estudantes e docentes coordenadores das ACCs, identificou-se a utilização de duas abordagens metodológicas de ensino aprendizagem para realização das mesmas: a tradicional e a problematizadora. A abordagem tradicional refere-se à transmissão de conhecimentos, onde existe o sujeito passivo, mero receptor informações, e um “detentor” do saber que transmite seu conhecimento (MIZUKAMI, 1986; FREIRE, 1985). Na abordagem problematizadora, não há transferência de saber, ocorre a construção do conhecimento por meio de diálogos, a partir da reflexão diante da realidade, efetivando a dialogicidade (FREIRE, 1987).

Na tabela 6 são apresentados os dados referentes às metodologias utilizadas nas ações das ACCs que participam desta pesquisa. Um pouco mais da metade dos discentes entrevistados (51,2%) descrevem ações que se enquadra em uma abordagem tradicional, ou seja, a maioria das ações indicadas pelos estudantes evidenciam uma abordagem vertical de transferência de saberes da universidade para a comunidade e 20,6% referem ao uso de metodologias onde há a troca de saberes acadêmico e popular, onde há diálogo para resolução de problemas. Não é possível entretanto, cotejar tais informações com a visão dos docentes envolvidas nas ACCs, uma vez que a maioria dos docentes não descreveram suas atividades durante as entrevistas (um percentual de 52,5%).

---

<sup>10</sup> Os participantes que não descrevem suas atividades, mesmo tendo havido o momento da observação participante, foram considerados “sem resposta”.

**Tabela 6.** Abordagem metodológica da ACC na percepção dos docentes (n=40) e discentes (n=131), Salvador-BA, 2014.

<b>Metodologia</b>	<b>Docentes n (%)</b>	<b>Discente n (%)</b>
Tradicional	9 (22,5)	67 (51,2)
Problematizadora	10 (25,0)	27 (20,6)
Sem informação	21 (52,5)	37 (28,4)

**Fonte:** Elaboração própria.

**Nota:** As questões são de múltipla resposta, somente foram apresentados a resposta afirmativa de cada categoria, e os valores não tem relação entre sim, somente com o total dos respondentes.

## 4.2. Concepções sobre extensão universitária

Os sujeitos da pesquisa apresentam uma heterogeneidade de concepções acerca da extensão universitária. A análise do conteúdo das respostas às entrevistas revelam a existência de concepções acerca da extensão que transitam entre uma visão geral que simplesmente reproduz a ideia de “indissociabilidade entre o ensino a pesquisa e a extensão”, passando pela problematização da extensão como “meio de articulação entre universidade e sociedade”, incluindo a associação entre “interdisciplinaridade” e “extensão”, até uma ideia restrita, de extensão como sinônimo de “assistencialismo”, simples prestação de serviços à comunidade.

A tabela 7 apresenta os resultados referente as concepções dos discentes, os quais em sua maioria acreditam que a extensão universitária é indissociável do ensino e da pesquisa (77,0%), convergindo com 60,0% dos docentes (tabela 8) que acreditam que a extensão completa o tripé da universidade.

(...) houve uma interação direta entre os conhecimentos adquiridos na ACC e os adquiridos na graduação. Tanto um influenciou/ auxiliou/ modificou o outro com foi base para ações, desenvolvidas na comunidade ou na universidade. (Discente 09)<sup>11</sup>

É como ação fim das instituições de ensino superior, é uma atividade acadêmica, articulada de forma indissociável ao ensino e à pesquisa, marcado por um processo educativo cultural e científico. (Discente 83)

<sup>11</sup> Durante todo o trabalho os sujeitos da pesquisa serão identificado por algarismos arábicos para garantir o sigilo da identidade dos mesmos.

(...) partindo das ações do ACC para os conhecimentos adquiridos na graduação com as atividades de ensino e pesquisa, ou seja, a partir das minhas experiências no ACC pude compreender e desenvolver melhor conteúdos adquiridos no ensino e na pesquisa. Ressalta-se que foi a partir da minha participação nos ACC que entrei no Projeto de Pesquisa que estou atualmente, dessa forma, com as minhas vivências no ACC (...) (Discente 88)

A ACC, Atividade Curricular em Comunidade permite integrar ensino, pesquisa e extensão. Por isso que nós priorizamos e abrimos três ACCs. (Docente 13)

(...) respeitando o tripé da universidade que é ensino pesquisa e extensão. (Docente 16)

**Tabela 7.** Concepções de Extensão Universitária dos discentes da UFBA participantes do estudo (n=131), Salvador- BA, 2014.

<b>Concepções</b>	<b>Total n (%)</b>
Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão	102 (77,9)
Espaço de promoção da interdisciplinaridade	93 (71,0)
Articulação Universidade – Sociedade	42 (32,1)
Transmissão de Conhecimento	38 (29,0)
Interação dialógica	21 (16,0)
Papel Social da Universidade	28 (21,4)
Assistencialismo	18 (13,7)

**Fonte:** Elaboração própria.

**Nota:** As questões são de múltipla resposta, somente foram apresentados a resposta afirmativa de cada categoria, e os valores não tem relação entre si, somente com o total dos respondentes.

**Tabela 8.** Concepções de Extensão Universitária dos docentes da UFBA participantes do estudo (n=40), Salvador-BA, 2014.

<b>Concepções</b>	<b>Total n (%)</b>
Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão	24 (60,0)
Espaço de promoção da interdisciplinaridade	14 (35,0)
Articulação Universidade - Sociedade	19 (47,5)
Transmissão de Conhecimento	10 (25,0)
Interação Dialógica	13 (32,5)
Prática	13 (32,5)
Papel Social da Universidade	10 (25,0)
Assistencialismo	5 (12,5)

**Fonte:** Elaboração própria.

**Nota:** As questões são de múltipla resposta, somente foram apresentados a resposta afirmativa de cada categoria, e os valores não tem relação entre sim, somente com o total dos respondentes

A extensão definida como meio de articulação entre a universidade e a sociedade, para diminuir a distância, construída historicamente, aparece na concepção de apenas 32,1% dos discentes e em menos da metade dos coordenadores entrevistados (47,5 %). As atividades extensionistas como ligação e articulação entre as IES e o corpo social na qual está inserida é exemplificado nas seguintes falas:

Experiência com a teoria aprendida na sala de aula; estas as atividades são maneiras de aproximar o estudante da universidade e da comunidade externa à ela. (Discente 114)

Uma atividade de extensão é uma atividade que tenta articular universidade e sociedade, na qual os atores desses espaços compartilham conhecimento e dialogam, viabilizando uma transformação de conhecimento e realidade, através da produção de experiências diversas. (Discente 88)

(...) a sociedade tem que ter conhecimento do que nós fazemos. Não adianta fazer pesquisa e ficar só meramente ligado e voltado a pesquisa dentro da área ligada a universidade. Quem vai ver é só quem está na universidade. Não é esse o objetivo. A extensão [pró-reitoria] quando criou essa atividade era exatamente para abrir esse leque de a gente se envolver com a sociedade e vice-versa. (Docente 02)

A função da universidade é ensinar, pesquisar a partir do ensino e da pesquisa dialogar com a sociedade através [descreve a atividade extensionista que coordena]. (Docente 13)

Durante as entrevistas foram identificadas duas possibilidades de articular a

universidade com a sociedade: por meio da transmissão de conhecimento ou da interação dialógica. As atividades concebidas como interação dialógica, baseadas na troca de experiências para aprimorar e construir novos conhecimentos, representam apenas 16,0% entre os discentes e 32,5% dos docentes, exemplificados abaixo:

A atividade de extensão, é um dos pilares da universidade na qual está cumpre seu papel social e os seus participantes mediante o contato com diferentes sujeitos, atrás de uma interação horizontal, trocam conhecimentos e elaboram dialogicamente novos saberes. (Discente 09)

Atividade que integra ações comuns entre universidade e comunidade, onde há colaboração mútua na produção, acesso e difusão do conhecimento. Ressalto o papel social da universidade, que tem a obrigação de responder às demandas sociais cotidianas e históricas. (Discente 75)

Uma atividade de extensão é uma atividade que tenta articular universidade e sociedade, na qual os atores desses espaços compartilham conhecimento e dialogam, viabilizando uma transformação de conhecimento e realidade, através da produção de experiências diversas. (Discente 88)

A extensão é uma possibilidade impar da gente construir e reconstruir conhecimento com a comunidade. Então para você construir e reconstruir conhecimento com a comunidade, implica necessariamente numa relação horizontalidade, o diálogo simples, o respeito às diferenças (...). (Docente 27)

E ele [integrante da comunidade] tem muita coisa para te oferecer também. Então você [aluno] ensina a parte técnica que você domina e você aprende muita coisa com ele. Aprende a parte cultural, a parte de [descreve aspectos particulares desta ACC] (...) que eles usam de prática de fazeres, isso é muito bacana. (Docente 40)

A concepção de transmissão de conhecimento está presente entre 29,0% dos discentes, onde a articulação universidade sociedade por meio da extensão se dá numa relação transversal, numa transferência de saberes para a comunidade, corroborando com 25,0% dos coordenadores, como é possível notar nas falas que seguem:

Pesquisa do tema, colhendo informações em livros, internet e revista. Transferir o conhecimento adquirido para os as comunidades. (Discente 29)

(...) muitas vezes a comunidade não tem muito acesso então o conhecimento que adquirimos na universidade passamos para eles. (Discente 34)

As condições que a universidade tem “prá” colocar seus saberes, sua

iniciativa, sua ação na sociedade viva. (Docente 5)

(...) é o caminho de docente especificadores tem pra levar a transferência dos conhecimentos produzido por nós o que eu fiz (...) produzido um conhecimento que foi que trouxe o resultado dos preparos dos profissionais (...). (Docente 18)

Além disso, aparece no discurso de grande parte dos discentes (71,0%) e docentes (35,0%) a ideia de “interdisciplinaridade” associada à extensão como terceira concepção mais citada neste grupo. A atividade extensionista entendida como espaço de promoção da interdisciplinaridade pode ser representada em algumas falas abaixo:

(...) é o contato que tenho com pessoas de outros cursos a possibilidade de criar formas de atuação com uma área de estudo diferente da minha. (Discente 10)

A partir do momento em que me insiro na ACC, já tenho o envolvimento interdisciplinar, o grupo é formado de cursos diversos, há troca de saberes e opiniões(...). (Docente 11)

(...) atividade interdisciplinar que permite ao estudante confrontar o aprendizado acadêmico com os desafios presentes em nossa sociedade e que favorece o desenvolvimento mútuo. (Discente 79)

Atividade de cunho prático e teórico para além dos muros da universidade, com o objetivo de aproximar estudantes da comunidade em que vive em diversos temas e proporcionar uma vivência prática do que estuda, visando também a interdisciplinaridade. (Discente 121)

Então eu acho a extensão, a ACC, “prá” o professor que não tem essa visão abre, dá essa oportunidade. E pro que tem, favorece objetivamente poder exercer essa multidisciplinaridade integradamente. (Docente 16)

Eu não quero essa coisa de... eu tenho 30 alunos de [cita o curso] (...).porque, repare, analisando essa questão, não tem sentido. Se for assim ela vai perder o sentido e ACC, né? (Docente 21)

O assistencialismo está historicamente imbricado às práticas extensionistas na dicotomia com a autonomia. Dentro das definições de extensão apresentadas pelos discentes e docentes esta representa o menor percentual, 13,7% e 12,5% respectivamente, na qual estão envolvidas principalmente ações de prestação de serviços.

Contudo notou-se que as concepções e ações extensionistas estavam diretamente relacionadas pela motivação docente em ofertar uma ACC. A maioria dos docentes entrevistados relataram que a articulação com a disciplina que leciona, um tema de seu

interesse, ou a linha de pesquisa que trabalha atualmente ou que trabalhou durante a sua formação acadêmica, é a motivação para ofertar ACC, o que representa 80,0% dos coordenadores entrevistados (tabela 9), como exemplificado nos relatos abaixo:

(...) construí uma proposta dentro da temática que venho trabalhando desde a graduação, em pesquisa, que foi minha temática no Mestrado e que agora é no Doutorado. (Docente 08)

(...) desde minha formação, eu tenho desejo que a pesquisa seja... tenha utilização, tenha um emprego. A extensão seria esse caminho de fazer algo que realmente vai ter uma aplicação imediata (...) (Docente 35)

A responsabilidade social, proveniente de um engajamento político e social, ou até por um compromisso pessoal com a comunidade representa 50,0% da motivação dos docentes para coordenar uma ACC, como na fala um dos docentes entrevistados:

(...) eu fiquei muito envolvida com o bairro, acabei fazendo uma etnografia do bairro, então essa relação com os jovens, com o bairro (...) desencadeou um pouco isso (...). (Docente 30)

Enquanto 35,0% dos entrevistados desejaram ofertar ACC para complementar a formação do aluno, proporcionando a prática, e viabilizando espaços para construção de pensamento crítico, e para o despertar da responsabilidade social, como expressa o docente a seguir:

Na verdade, as atividades de extensão eu oferto muito mais preocupada com essa busca que a gente tem, pela articulação teoria prática. (...) para auxiliar no processo de construção de habilidades e competências práticas instrumentais, eu sempre proponho atividades de extensão. (Docente 34)

Dos 40 entrevistados 7 (17,5 %) mencionaram que foram influenciados a ofertar esta modalidade de atividade por uma solicitação dos alunos, ao por algum colega que já fazia e não poderia continuar e até por encontrar uma boa parceria para as ações.

**Tabela 9.** Motivação docente para ofertar ACC (n=40), Salvador- BA, 2014.

Motivação	Total n (%)
Por influências	7 (17,5)
Responsabilidade social	20 (50,0)
Complementar a formação do aluno	14 (35,0)
Articulação com ensino e pesquisa	32 (80,0)

**Fonte:** Elaboração própria.

Nota: As questões são de múltipla resposta, somente foram apresentados a resposta afirmativa de cada categoria, e os valores não tem relação entre sim, somente com o total dos respondentes.

### 4.3. Impacto da ACC na formação discente

Na tabela 10 estão listados aspectos da extensão, mencionados pelos estudantes da UFBA que participaram da pesquisa, como contribuições para sua formação.

Quando questionados sobre as contribuições das ACCs para sua formação acadêmica 65,6% dos estudantes respondentes afirmam que a participação nestas atividades contribuiu para ampliar seus conhecimentos na perspectiva de aprender coisas novas ou aperfeiçoar conhecimentos prévios, como exemplificado abaixo:

(...) possibilidade de expandir os meus conhecimentos e também de conhecer um pouco mais o que a universidade é capaz de oferecer.  
(Discente 10)

(...) vem complementar as atividades da graduação afim de ampliar competências e conhecimentos que não são muito abordados na teoria.  
(Discente 68)

Além disso 54,2 % deles relatam que as ACCs são oportunidades de estar fora do espaço físico da Universidade, em um momento de “aplicação” na prática do que foi aprendido na teoria.

A possibilidade de interagir com distintas comunidades aplicar na prática os conhecimentos adquiridos na academia construindo novos conhecimentos mediante a interação direta com distintos sujeitos.  
(Discente 09)

(...) atividades mais práticas e menos teóricas, além do contato com pessoas de outras áreas e também com as comunidades visitadas durante as atividades. (Discente 10)

Experiência acadêmica, profissional e pessoal pela possibilidade de por em prática o teórico visto em sala de aula, através da troca de saberes. (Discente 99)

**Tabela 10** Impactos na formação relatadas pelos discentes da UFBA que realizaram ACC (n=131). Salvador- BA, 2014.

Impactos na formação	Total n (%)
<b>Formação acadêmica</b>	
Ampliação do conhecimento	86 (65,6)
Prática	71 (54,2)
Não tiveram impactos por falta de ações interdisciplinares	21 (16,0)
Inter e multidisciplinaridade	20 (15,3)
Complementar a carga horária	17 (13,0)
<b>Formação profissional</b>	
Atuação profissional	39 (29,8)
<b>Formação cidadã</b>	
Pensamento Crítico	91 (69,5)
Responsabilidade social	51 (38,9)
Não impactou na formação cidadã	3 (2,3)

**Fonte:** Elaboração própria.

Nota: As questões são de múltipla resposta, somente foram apresentados a resposta afirmativa de cada categoria, e os valores não tem relação entre sim, somente com o total dos respondentes.

As ações desenvolvidas com articulação de conhecimentos de áreas distintas, possibilita uma visão ampliada diante da realidade na qual está inserido, além de facilitar a aprendizagem. Alguns discentes (16,0%) referiram que sentiram falta de ações interdisciplinares nas atividades e por isso não tiveram as contribuições que esperavam, enquanto 15,3% dos estudantes apontaram a multi e a interdisciplinaridade como uma contribuição importante para suas formações, como nas respostas abaixo:

(...) Primeiro pelo fato de estar na comunidade que já se torna uma experiência única e segundo pro trocar ideias c/ pessoas de diferentes áreas e que acaba ampliando a visão sobre diferentes aspectos. (Discente 24)

(...) interagir com graduandos de outros cursos em atividades que pudessem complementar minha formação(...) (Discente 49)

As ACCs sempre me parecerem uma ótima oportunidade de vivenciar realidades que eram abordadas nas aulas, (...) sem contar da vantagem de conviver com alunos e professores de outros institutos que pudessem me acrescentar (...). (Discente 80)

Ainda sobre a formação acadêmica, 13,0% relatam que a participação nas ACCs é um meio para conseguir completar a carga horária extra curricular para concluir seu curso de graduação, já que além das disciplinas e componentes curriculares, na UFBA é necessário o acúmulo de horas em atividades complementares.

Quanto a formação profissional, 29,8% indicaram que a participação em ACC contribuiu para a aquisição de habilidades técnicas e no aspecto relacionado a atuação diante das possíveis adversidades que irão enfrentar na sua prática profissional, como segue os seguintes discentes:

(...) conhecer diversas áreas de atuação profissional que permite o conhecimento de uma realidade, que muitas vezes, não condiz com os casos teóricos, e são desafios para o profissional. (Discente 62)

(...) Nesta ACC, pude dialogar com [cita área do conhecimento que está inserido], de forma multidisciplinar que se apresenta com uma possibilidade para atuação da minha profissão. (Discente 08)

Sim, com toda certeza. As vivências ressoaram nesses três aspectos. Na formação acadêmica e profissional: meu arcabouço teórico foi expandido, consegui aprender estratégias de trabalho em grupo, de cuidado com o outro, de respeito e ética. (Discente 88)

A extensão universitária se propõe a complementar uma formação cidadã, caracterizada por um maior engajamento social e político e o desenvolvimento de uma consciência crítica nos discentes. O impacto na formação cidadã dos universitários da UFBA que integram essa pesquisa também são listados na tabela 10, onde 69,5% dos discentes indicam que a participação nas ACCs contribuem para a formação de um pensamento mais crítico diante da realidade em que vive, ampliando a sua forma de pensar suas ações diante da sociedade, e 38,9% afirmam que a participação nessas atividades possibilitou que despertassem para questões de responsabilidade social. Segue algumas respostas para exemplificar esses aspectos:

Oportunidade de ampliar a visão e o senso crítico, pois, infelizmente, a graduação ainda engessa nosso pensamento. (Discente 48)

Poder praticar a reflexão e refletir a ação, coisa que pouco fazemos na graduação. Ao participar da primeira ACC (...) quis participar de outras por entender o papel essencial que ela cumpre enquanto articuladora da universidade com as demandas da sociedade, e o quanto isso estava enriquecendo e ampliando a minha visão da academia [universidade] (que na maioria das vezes se reduz a reprodução de teorias (...)). (Discente 124)

(...) Através da minha participação na atividade de extensão pude vê a sociedade e seus distintos sujeitos através de outras perspectivas, repensei o meu papel de cidadão, bem como as possíveis formas de intervenção na sociedade em prol de direitos. (Discente 09)

## 5. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ações de cunho culturais deram início às atividades de extensão na UFBA, que com o passar do tempo se desenvolveram em áreas e modalidades diversas. A Atividade Curricular em Comunidade é considerada como uma proposta de atividade de extensão inovadora dentro desta instituição, e se dispõe a complementar a formação do estudante universitário e aproximar a universidade da comunidade, na tentativa de contribuir para o cumprimento do papel social da instituição.

Em 2010 apenas 1,12% dos alunos de graduação da UFBA estavam matriculados em ACC e em 2012, 2,08% do total de graduandos fizeram esta atividade. A oferta de ACC portanto está aquém do potencial da instituição, considerando que cada docente poderia ofertar uma atividade, ampliando as possibilidades de um número maior de alunos participarem de atividades extensionistas desse tipo.

De acordo com o Plano Nacional de Educação (2001), 10% dos créditos dos cursos de graduação devem ser destinados para atividades de extensão universitária, para tanto a universidade deve promover atividade extensionistas para subsidiar o cumprimento desta determinação. Nas entrevistas realizadas com os coordenadores de algumas atividades realizadas no período estudado, foram identificados alguns aspectos que podem justificar a pouca oferta destas atividades extensionistas. Dentre estes destacam-se a falta de valorização institucional das atividades extensionistas comparada às atividades de pesquisa e ensino, o que se reflete também no interesse dos docentes, uma vez que a produção científica é a atividade mais valorizada no currículo docente. Chama-se a atenção também e as dificuldades relativas ao financiamento destas atividades, tanto no que se refere ao volume de recursos disponíveis quanto a burocratização dos procedimentos de repasse e prestação de contas.

No que se refere à aproximação da UFBA com a sociedade, os documentos consultados evidenciam que, inicialmente, esta relação se deu mais através da produção de eventos artísticos, a exemplo de exposições, concertos e outras atividades que tratavam de resgatar elementos das tradições culturais locais e da oferta de serviços de saúde à população através do hospital universitário. No período estudado constatou-se certo predomínio de prestação de serviços educacionais e de ações de educação em saúde e assistência à saúde, o que pode estar relacionado com a experiência historicamente construída na instituição. De fato verificou-se a concentração de,

aproximadamente, 58% das ACCs ofertadas no período compreendido entre 2010 e 2012, na área II. Além disso temáticas relacionadas à saúde não se restringem a esta área, pois dentre as atividades estudadas a Promoção da saúde e qualidade de vida é o único tema que aparece em ACCs desenvolvidos em outras áreas além da saúde. Provavelmente isto decorre do fato da saúde ser um tema transversal cujos determinantes sociais podem ser abordados por diversos setores de atividades e distintas áreas de conhecimento, o que facilita a elaboração de propostas de ação que contemplem a articulação interdisciplinar e intersetorial.

Outro aspecto estudado com relação aos ACCs foram as metodologias de ensino aprendizagem utilizadas no desenvolvimento das atividades, podendo-se constatar a partir das informações obtidas através dos questionário e entrevistas que a metodologia predominante nas ACCs deste estudo é tradicional, centrada na transmissão de conhecimento aos participantes provenientes das comunidades envolvidas. Esta perspectiva distancia-se do que é preconizado pelas diretrizes apresentadas em documentos internacionais sobre Promoção da saúde e qualidade de vida (BUSS e CARVALHO, 2009), e documentos oficiais sobre extensão universitária (FORPROEX, 2012; FORPROEX, 2001) os quais enfatizam a importância de se estabelecer relações dialógicas entre o saber acadêmico e os saberes populares.

Cabe enfatizar que a dialogicidade implica o estabelecimento de comunicação através do diálogo para uma problematização do conhecimento no contexto real onde foi gerado e onde deve ser discutido (FREIRE, 1985). Neste processo, de acordo com o mesmo autor, deve haver um encontro de sujeitos que buscam “significação dos significados”, ou seja, indivíduos questionadores, e não a simples transferência de saber. Esta perspectiva é adotada, inclusive, pela Política Nacional de Extensão, que orienta a articulação entre Universidade e setores sociais, recomendando que esta deve acontecer por meio da interação dialógica, transpondo o discurso até então predominante na academia de transmissão do conhecimento, na perspectiva de transferir à sociedade o saber acadêmico. Para tanto é necessário a aplicação de metodologias que valorizem a participação e a democratização do conhecimento (JANIZE, 2004; FORPROEXT, 2012).

O perfil dos discentes participantes deste estudo, outro dos aspectos estudados, reflete a atual configuração das políticas de ampliação do acesso de estudantes à instituição, na medida em que são, em sua maioria, jovens e adultos que estão cursando

sua primeira graduação, oriundos de escolas públicas. De fato a ampliação do número de vagas e a criação de novos cursos na UFBA a partir da implantação do REUNI e a adoção da política de cotas, possibilitou que indivíduos historicamente excluídos da educação superior chegassem à universidade. Chama a atenção também, o fato dos discentes do BI em saúde serem maioria entre os estudantes participantes do estudo, o que pode indicar que estão sendo estimulados pelos professores e coordenadores a participarem de atividades extensionistas com a finalidade de complementar sua formação, adquirir habilidades específicas em contato com a comunidade.

Diante dos resultados apresentados nota-se que a extensão universitária é entendida pela maioria dos discentes e docentes, que participaram do estudo, como uma das funções da universidade, completando o tripé da formação (ensino-pesquisa-extensão). Esta visão está coerente com as concepções apresentadas na Política Nacional de Extensão Universitária que, ao apresentar os conceitos, princípios, diretrizes e objetivos das atividades extensionistas, defende essa indissociabilidade como um princípio que deve orientar a formação dos estudantes, como se percebe no trecho reproduzido abaixo:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2012).

Uma pequena parcela dos sujeitos do estudo entende a extensão com mera prestação de serviço na perspectiva assistencialista, o que, de certa forma é pertinente, pois a prestação de serviços também compõe o leque das atividades extensionistas podendo colaborar no desenvolvimento comunitário, mas vale observar de que maneira esta assistência está sendo conduzida. Neste sentido é necessário a realização de estudos mais aprofundados que permitam analisar se as ações planejadas e executadas no âmbito das ACCs focados em ações assistenciais respondem de fato às demandas sociais emergentes.

O entendimento da extensão como espaço para promoção da interdisciplinaridade aparece em parte das respostas, o que merece destaque, desde que este é um tema relativamente novo no âmbito acadêmico, o que tem gerado inclusive várias reflexões em torno das dificuldades para sua operacionalização tanto no processo de produção de conhecimento (pesquisa) quanto no ensino. É possível que esta referência à

interdisciplinaridade reflita o interesse de alguns docentes envolvidos na execução de projetos que proporcionam condições mais favoráveis ao exercício de uma perspectiva interdisciplinar na abordagem dos problemas enfrentados cotidianamente pelas comunidades onde estas ações são desenvolvidas.

A contribuição dos ACCs para a formação discente também foi contemplada nesse estudo, sendo que o aspecto mais relatado pelos estudantes foi a importância da participação nestas atividades para o desenvolvimento de sua consciência de cidadania. Isto se evidencia nos relatos feitos pelos participantes deste estudo os quais indicam que a ACC contribuiu para que eles desenvolvessem um olhar mais ampliado diante de problemáticas que nem sempre fazem parte da sua realidade, possibilitando questionamentos e reflexões que talvez não surgissem se não tivessem a experiência das atividades em comunidade.

Os impactos na formação acadêmica também foram notórios para estes alunos. Adquirir novos conhecimentos e aprimorar os conhecimentos preexistentes foi o aspecto mais evidenciado em seus relatos, assim como a oportunidade oferecida pelos ACCs para colocarem em prática o que foi estudado em aulas teóricas. Vale salientar que alguns discentes indicam não ter se envolvido em ações interdisciplinares, mesmo sendo está uma concepção de extensão citada entre os sujeitos do estudo. Isto de certa forma contraria o que é preconizado na Política Nacional de Extensão Universitária que estabelece a interdisciplinaridade como uma das diretrizes para as práticas de extensão objetivando superar a visão disciplinar, fragmentada e especializada que predomina na educação superior (FORPROEXT, 2012).

Durante a pesquisa foi possível notar a falta de publicização das ACCs na universidade. Muitas pessoas, principalmente os discentes, desconhecem a existência e a proposta pedagógica dessa modalidade extensionista, o que desperta o questionamento sobre a valorização desta atividade dentro da instituição. Em vista disso percebe-se a necessidade de uma maior divulgação destas atividades junto ao corpo docente e principalmente ao corpo discente da instituição.

Outro aspecto problemático apontado no relato dos coordenadores diz respeito a forma como vem sendo avaliadas estas atividades. Segundo os docentes entrevistados apenas os projetos de ACCs são avaliados pela Pró reitoria de Extensão, e eles não recebem nenhum retorno a respeito do relatório apresenta ao final das atividades. Para superara esta lacuna seria importante a elaboração de um plano de avaliação das ações

executadas, que contemplassem aspectos relativos a ao alcance dos objetivos e metas programadas, bem como avaliasse a relevância das ações realizadas, e a satisfação das comunidades envolvidas.

Com relação a este último aspecto, qual seja o impacto destas atividades no empowerment e no desenvolvimento comunitário dos grupos que participaram dos ACCs a observação participante e as conversas com pessoas das comunidades visitadas permitiram que se notassem impactos pontuais e a curto prazo, das ACCs, diretamente relacionados às propostas e à metodologia utilizada por cada ACC.

Em função de tudo que foi exposto, pode-se concluir que as ACCs constituem uma prática acadêmica com elevado potencial para contribuir significativamente na formação do aluno da UFBA, especialmente tendo em vista a sensibilização, mobilização e qualificação para o desenvolvimento de ações sócio comunitárias voltadas para melhoria da qualidade de vida da população. Porém, é necessário problematizar e discutir mais os conceitos e as práticas, os problemas e dificuldades enfrentados no planejamento execução, acompanhamento e avaliação das ACCs de modo a estimular a ampliação e consolidação destas atividades na universidade.

## 6. REFERÊNCIAS

ACIOLI, Sonia. A prática educativa como expressão do cuidado em Saúde Pública. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 61, n. 1, Feb. 2008.

BAUER, M. W., GASKELL, G.. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BEMVENUTI, Vera Lucia Schneider. Extensão Universitária: momentos históricos de sua institucionalização. **Vivências**, Erechim, ano 1, v.1, n. 2, p. 8-17, maio 2006. Disponível em: <[http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero%20002/artigos/area\\_comunicacao/area\\_comunicacao\\_01.htm](http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero%20002/artigos/area_comunicacao/area_comunicacao_01.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2013.

BOTOMÉ, Silvio Paulo. **Pesquisa alienada e ensino alienante – o equívoco da extensão universitária**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes; São Carlos, SP: Editora da Universidade Federal de São Carlos; Caxias do Sul, RS: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1996.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira de 1988**. 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) >. Acesso em 11 set. 2013.

\_\_\_\_\_. **Restruturação e Expansão na Universidades Federais: Diretrizes Gerais**. SESu/ MEC: Brasil, 2007.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & saúde coletiva**, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000.

BUSS, Paulo Marchiori; CARVALHO, Antonio Ivo de. Desenvolvimento da promoção da saúde no Brasil nos últimos vinte anos (1988-2008). **Ciência & saúde coletiva**, v. 14, n. 6, p. 2305-16, 2009.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Tabela de áreas do conhecimento**. Brasil: Capes, 2008. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/tabela-de-areas-de-conhecimento>>. Acesso em 7 fev. 2014.

CARBONARI, Maria Elisa Ehrhardt; PEREIRA, Adriana Camargo. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, v. 10, n. 10, p. 23-28, 2007. Disponível em: <http://www.sare.anhanguera.com/index.php/reduc/article/viewArticle/207>>. Acesso em: 08 set. 2013.

CARNEIRO, Moaci Alves. **Extensão universitária: versão e perversões: estudo tentativo de identificação do débito social das universidades federais do Nordeste**. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1985.

CARVALHO, Sérgio Resende. Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde. The multiple meanings of “empowerment” in the health promotion proposal. **Cad. saúde pública**, v. 20, n. 4, p. 1088-1095, 2004.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. Associação Nacional de Pesquisa em Educação. Caxambu, MG, 2004. **Anais... 27ª Reunião**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt11/t1111.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRA (FORPROEXT). **Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão**. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/SESu, 2006.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Brasília, DF, 2001.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**; 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GATTÁS, Maria Lúcia Borges. **Interdisciplinaridade: Formação e ação na área de saúde**. Holos, 2006.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. In: **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Atlas, 2008.

GURGEL, Roberto Mauro. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação**. São Paulo: Cortez; São Paulo: Autores associados; São Paulo: Universidade Federal do Ceará, 1986.

HENNINGTON, Élida Azevedo. Acolhimento como prática interdisciplinar num programa de extensão universitária. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.1, p.256-265, jan/fev, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n1/28.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2013.

JEZINE, Edineide. As práticas curriculares e a extensão universitária. **Anais:II Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte. 2004. p. 21-32.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W.. **Entrevista narrativa**. In:

BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

JÚNIOR, Mourão. Questões em bioestatística: o tamanho da amostra. **Revista Interdisciplinar de Estudos Experimentais**, v. 1, n. 1, p. 26-28, 2009.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**, v. 6, n. 73, p. 2-23, 2005.

MINAYO, M.C. S. **Introdução**. In: MINAYO, M. C. S. (Org.); ASSIS, Simone Gonçalves de (Org.) ; SOUZA, Edinilsa Ramos de (Org.). Avaliação por triangulação de métodos. 1ª. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa social: teoria, método, e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

NETO, José Alves de Freitas. A Reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto por uma universidade latino-americana. **Revista de ensino superior da UNICAMP**, junho 2011; Disponível em: [http://www.gr.unicamp.br/ceav/revistaensinosuperior/ed03\\_junho2011/pdf/10.pdf](http://www.gr.unicamp.br/ceav/revistaensinosuperior/ed03_junho2011/pdf/10.pdf). Acesso em: 25 ago. 2013.

NETO, José Francisco de Melo. Extensão Universitária: bases ontológicas. **Extensão universitária: diálogos populares**, p. 13, 2002. Disponível em: [http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao\\_academica/artigos/pa\\_a\\_ext\\_ont.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/artigos/pa_a_ext_ont.pdf). Acesso em: 07 jan. 2013.

OLIVEIRA, João F.; FERREIRA, Suely. **Concepção e funções sociais da universidade: o caso da Universidade Estadual de Goiás (UEG)**. Série-Estudos (UCDB), v. 26, p. 197-212, 2008.

RIBEIRO, K. S. Q. S. A contribuição da extensão comunitária para a formação acadêmica em fisioterapia. **Fisioterapia & Pesquisa**, v. 12, n. 3, 2005.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, p. 76-97, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Porto: Edições Afrontamento, 7ª ed., 1999.

SANTOS, Marcos Pereira dos. Contributos da Extensão Universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário. **Revista Conexão UEPG**, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.eventos.uepg.br/ojs2/index.php/conexao/article/view/3731>> Acesso em: 20 ago. 2013.

SEIXAS, I. L. S. et al. Atividades de extensão no aprimoramento do processo ensino-aprendizagem na formação de alunos do projeto: “curso de atualização: aspectos morfofuncionais e clínicos da cabeça e pescoço” na Universidade Federal Fluminense-UFF. **UDESC em Ação**, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/udescemacao/article/view/1738>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

SILVA, Anuska Andréia de Sousa. **O Programa UFBA em Campo-ACC: sua contribuição na formação do estudante**. Repositório Institucional da UFBA 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10261>> Acesso em :08 out. 2013

SILVA, Mariana Andrea da. **Concepções de extensão universitária: o UFBA em campo**. 2011. 1 CD-ROM Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2011.

SOUZA, DV de; ZIONI, Fabiola. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais ea técnica qualitativa da triangulação de dados. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 2, p. 76-85, 2003.

TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; ROCHA, Marcelo Nunes Dourado. Bacharelado interdisciplinar: uma proposta inovadora na educação superior em saúde no Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 6, 2013.

THIOLLENT, Michel. 2002. “Construção do conhecimento e metodologia da Extensão”. **Anais: I Congresso Brasileiro de Extensão Universitária - João Pessoa – PB**, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). **Atividade Curricular em Comunidade**. [Salvador]: UFBA; Pró- Reitoria de Extensão, [2011?].

\_\_\_\_\_. **Conheça a UFBA através da jornada de extensão**. Salvador: UFBA; Pró-Reitoria de Extensão, 1990. 68 p. Inclui anexos.

\_\_\_\_\_. **Estatuto & Regimento Geral**. Salvador: UFBA, 2010.

\_\_\_\_\_. **Por uma política de extensão da UFBA.** [Salvador]:UFBA; Pró-Reitoria de Extensão, [199-] 25 f.

\_\_\_\_\_. Resolução nº002/96, de 1996. **Câmara de Extensão do Conselho de Coordenação da Universidade Federal da Bahia.** Salvador: UFBA,1996.

\_\_\_\_\_. Resolução nº02/2012, de 2012. **Conselho Acadêmico de Pesquisa e Extensão (CAPEX) da Universidade Federal da Bahia.** Salvador: UFBA,2012.

\_\_\_\_\_. Resolução nº01/2013, de 2013. **Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Bahia.** Salvador: UFBA, 2013.

\_\_\_\_\_. **UFBA em campo 1996-1998: uma experiência de articulação, ensino / pesquisa e sociedade.** Pró-Reitoria de Extensão, Salvador (BA): UFBA, 1998. 393 p.

## **APÊNDICES**

**Apêndice 1: Questionário para coleta de dados discentes**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA  
PROJETO: “Atividades Curricular em Comunidade: Análise dos Impactos na formação dos alunos da UFBA”.  
ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Constantina Caputo

**1.0. Perfil**

1.1. Email: \_\_\_\_\_ 1.2. Sexo: M  F

1.3. Idade: \_\_\_\_\_ 1.4. Em qual bairro reside?  
\_\_\_\_\_

1.5. Em que tipo de escola você cursou o Ensino Médio?

- Escola Pública  Escola Particular  Escola Indígena  
 Escola situada em comunidade quilombola

1.6. Nível de Instrução:

Ensino Superior Incompleto  Semestre: \_\_\_ Curso: \_\_\_\_\_  
Ensino Superior Completo  Curso: \_\_\_\_\_

1.7. De qual projeto de extensão você: (Nome, Unidade, Coordenador)

Participa: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Participou \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

1.8. Você participa de algum grupo de pesquisa? (Nome, Unidade, Coordenador)

Participa: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Participou: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

1.9. O que te motivou a participar de uma atividade de extensão, durante a sua graduação?

---

---

---

---

1.10. Como você definiria uma atividade de extensão?

---

---

---

---

**2.0. Descrição das atividades de extensão**

2.1. Durante a sua participação nas atividades de extensão quais ações você realizou?

---

---

---

---

2.2. Você teve a oportunidade de se envolver em ações interdisciplinares? Quais?

---

---

---

---

2.3. Como acontece a preparação para ida à campo? Existe preparação teórico metodológica?

---

---

---

---

2.4. Houve mudanças na sua formação acadêmica, pessoal, ou profissional, ao longo da sua participação, nas atividades de extensão? Comente.

---

---

---

---

2.5. Houve interação entre os conhecimentos adquiridos no seu curso de graduação (ensino e pesquisa) com o desenvolvimento nas ações de sua ACC? Comente.

---

---

---

---

### **3 Atividade de extensão: impacto social, universidade e comunidade**

3.1. A sua participação em atividades de extensão lhe proporcionou um pensamento mais crítico e reflexivo acerca da realidade social? SE SIM – Por quê? De que modo? Exemplifique. SE NÃO – Por quê?

---

---

---

---

3.2. O desenvolvimento de projetos de extensão universitária pode contribuir para mudanças sociais? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

3.3. A extensão universitária é capaz de desenvolver entre os participantes (universidade e comunidade) a consciência e a efetivação dos direitos de cidadania? Por quê?

---

---

---

---

3.4. Quais os desafios enfrentados pelas atividades de extensão da Universidade Federal da Bahia, na atuação em comunidade, hoje? Explique.

---

---

---

---

3.5. O desenvolvimento de atividades de extensão universitária é capaz de fortalecer a comunidade, para que essa possa encontrar soluções para os problemas enfrentados em seu cotidiano? Justifique.

---

---

---

---

3.6. A atuação da atividade de extensão da qual você participa ou participou teve impacto na comunidade pretendida? Comente.

---

---

---

---

3.7. As ações desenvolvidas pela sua ACC se relacionam de algum modo com o tema do desenvolvimento sustentável e/ou educação ambiental? Comente.

---

---

---

---

#### **4. Avaliando a atividade de extensão**

4.1. As atividades de extensão devem ser avaliadas? Justifique.

---

---

---

---

4.2. Quais os principais pontos a serem avaliados numa atividade de extensão?

---

---

---

---

## **Apêndice 2: Roteiro de entrevista com os professores:**

1. Quanto tempo está na universidade? Quanto tempo faz atividade de extensão?
2. Por que você desejou coordenar uma atividade de extensão? Quais as facilidades e dificuldades para fazer uma atividade de extensão?
3. Você acha importante que a universidade ofereça atividades de extensão?
4. Por que escolheu esse tema para um ACC? Por que esse campo?
5. O que pretende com a ACC (na comunidade, com os alunos e na universidade)?
6. O tempo é suficiente para alcançar o que pretende?
7. O recurso é suficiente para realizar as atividades? Por quê?
8. Para realizar a ACC tem alguma parceria? Qual? Como colaboram?
9. A atividade se articula com ensino? Por quê? Como se estabelece?
10. A atividade se articula com pesquisa? Por quê? Como se estabelece?
11. Como são avaliados os alunos da ACC?
12. Como são avaliados os resultados da ACC?
13. Como é a avaliação institucional da ACC?

### **Apêndice 3: Lista de categorias analíticas referentes aos discursos dos discentes**

#### **Categorias e subcategorias do bloco de resultados dos discentes (bloco 1), Salvador - BA, 2014.**

---

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Concepções	Indissociabilidade de Ensino e Pesquisa
	Interação Dialógica
	Articulação Universidade - Sociedade
	Papel Social da Universidade
	Promoção da Interdisciplinaridade
	Transmissão de Conhecimento
	Assistencialismo
Formação acadêmica	Inter e multidisciplinar
	Prática
	Carga Horária
	Ampliação do conhecimento
Formação profissional	Atuação profissional
Formação cidadã	Pensamento Crítico
	Responsabilidade social
Metodologia	Tradicional
	Humanista

---

**Fonte:** Elaboração própria

#### **Apêndice 4: Categorias analíticas referentes ao discurso docente**

**Categorias e subcategorias do bloco de resultados dos docentes (bloco 2), Salvador-BA, 2014.**

---

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Concepções	Indissociabilidade de Ensino e Pesquisa Interação Dialógica Prática Articulação Universidade – Sociedade Papel Social da Universidade Promoção da Interdisciplinaridade Transmissão de Conhecimento Assistencialismo

---

**Fonte:** Elaboração própria

## **Apêndice 5: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado nas entrevistas e aplicação dos questionários**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, nascido em \_\_\_\_\_ e domiciliado à \_\_\_\_\_,

município de \_\_\_\_\_, estou sendo convidado a participar de um estudo denominado A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DA UNIVERISDADE FEDERAL DA BAHIA ACERCA DA IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO, cujo objetivo principal é analisar a percepção dos alunos dos diversos cursos de graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) acerca da relevância da extensão universitária em sua formação acadêmica, pessoal e profissional, bem como a sua percepção em relação à importância do desenvolvimento de atividades desse tipo para as comunidades envolvidas. A referida pesquisa é justificada pelo fato de haver uma dificuldade em se encontrar na literatura, trabalhos que tratem da avaliação das atividades de extensão.

A minha participação no referido estudo será no sentido de responder a um questionário semi-estruturado e de participar de um grupo focal, com os envolvidos no projeto, que aprofunde o tema de investigação e auxilie na coleta de dados para a pesquisa. Fui alertado de que não usufruirei de nenhum benefício direto, oriundo desta pesquisa, e de que também não correrei nenhum risco, desconforto ou prejuízo em decorrência da mesma. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e, de que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Declaro que fui satisfatoriamente esclarecido de que os dados coletados serão analisados e poderão ser divulgados à comunidade científica por meio de artigo científico, apresentações em eventos científicos e outros produtos acadêmicos.

A pesquisadora responsável pelo referido projeto é Maria Constantina Caputo, vinculada ao IHAC- Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da UFBA, e com ela poderei manter contato através do telefone \_\_\_\_\_. Estou ciente de que me é assegurada assistência durante toda a pesquisa, nas questões referentes à mesma, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências; em suma, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Tendo sido orientado quanto ao teor aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar, por minha participação

Salvador, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

**Apêndice 6**

<b>Área de conhecimento</b>	<b>Cursos integrantes</b>	<b>ACC</b>	<b>Número de alunos participantes do estudo</b>
Área I	Geografia Ciências da Computação Estatística Geologia Arquitetura e Urbanismo Engenharia Civil Engenharia Sanitária e Ambiental Engenharia de Produção	1. Estudo integrado da atividade de mariscagem no sistema ambiental de mangue do município de Salinas da Margarida: aproveitamento de resíduos e educação ambiental 2. Estudo Ambiental do Médio Subaé: vivenciando práticas ambientais em comunidade 3. As Bacias Hidrográficas Urbanas, Problemática Atual e Futura: Análise Geossistêmica da Bacia do Rio Jaguaribe. 4. Onda Solidária de Inclusão Digital: Tecnologia a Serviço da Cidadania 5. Arquivos de Instituição de Ensino. 6. Consumo racional de água em edificações, eficiência energética e conservação de recursos naturais 7. Apoio Técnico para Desenvolvimento Sustentável em Comunidade do MSTB.	18
Subtotal		7	
Área II	Medicina veterinária Enfermagem Farmácia Fonoaudiologia Medicina Nutrição	1. Abordagem Interdisciplinar e Transdisciplinar dos Problemas de Saúde relacionados à Violência 2. Abordagem interdisciplinar e transdisciplinar relacionada aos fatores condicionantes e determinantes diante do paciente em situação de sofrimento psíquico 3. Cidadania em Saúde 4. Cuidadoteca - Cuidado Transdisciplinar do Corpo como Consciência: Dinâmica dos Sentidos.	46

	<p>Odontologia</p> <p>Ciências biológicas</p> <p>Biotecnologia</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>5. Implantação da consulta pré-operatória em um hospital público de Salvador</li> <li>6. Organização do Núcleo de Excelência Clínica para o programa de Saúde da Família em Salvador: na perspectiva da Clínica Ampliada</li> <li>7. Popularização da ciência nas escolas: uma abordagem multiprofissional em asma</li> <li>8. Promovendo a saúde do adolescente no espaço escolar</li> <li>9. Inclusão: Contribuições da Genética e da Educação</li> <li>10. Mapeamento Biorregional Participativo em Comunidades Costeiras Tradicionais como Ferramenta para Educação Ambiental e empoderamento territorial</li> <li>11. Meio Ambiente e Saúde: abordagem interdisciplinar da problemática do lixo.</li> <li>12. Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica na Bahia</li> <li>13. Hortas Urbanas, conhecendo e estimulando esta alternativa</li> <li>14. Busca Racional de Novos Fármacos de Origem Vegetal</li> <li>15. Doença Falciforme: Cuidados e Atenção às Pessoas e Familiares</li> <li>16. Práticas Educativas na Atenção à Saúde de Mulheres</li> <li>17. Prevenção de Anemias</li> <li>18. Saúde e Qualidade de vida</li> <li>19. Anatomia-Uma visão comparada voltada às escolas de ensino Fundamental e Médio da cidade de Salvador –Bahia</li> <li>20. Desenvolvimento Sustentável da pecuária familiar através da</li> </ol>	
--	--	--	--

		<p>caprinoovinocultura de subsistência</p> <p>21. Museu Interativo de Anatomia comparada</p> <p>22. Educação, meio ambiente e saúde pública: uma proposta interdisciplinar para promover a qualidade na interação homem- animal e conservação ambiental</p> <p>23. Ecoestação na UFBA: Um Novo Conceito Ambiental para as Escolas Públicas de Salvador</p> <p>24. A Comunicação na redução de danos - Elementos para uma maior eficácia na estruturação de rede de assistência aos usuários</p> <p>25. Boa visão direito de todos</p> <p>26. Educação em Saúde na Região de Subaúma.</p> <p>27. Acessibilidade e cidadania</p> <p>28. Educação e Promoção da Saúde no combate a violência</p> <p>29. Violência Urbana e Saúde: reflexões teóricas e estratégias propositivas de prevenção e promoção da paz</p> <p>30. Educação em alimentação e saúde em comunidade quilombola de ilha de Maré</p> <p>31. Cinema e Literatura como estratégias de saúde e adesão ao serviço do CREAS POP de Vitória da Conquista</p> <p>32. Cuidados interdisciplinares à saúde da família em conviabilidade com o sofrimento mental</p> <p>33. Acessibilidade e tecnologias assistivas</p>	
Subtotal			33

Área III	História Pedagogia Psicologia Educação física Administração Ciências Contábeis Comunicação e Jornalismo Comunicação - Produção em Comunicação e Cultura Serviço social	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ações Interdisciplinares em Áreas de Reforma Agrária.</li> <li>2. Educação em Rede: Articulações entre a UFBA e a Escola Básica</li> <li>3. Educação Popular em Áreas de Reforma Agrária: os Desafios da Educação do Campo.</li> <li>4. Ética e Direito Animal</li> <li>5. História do Direito, meio ambiente e comunidades tradicionais: historicidade e afirmação de direitos</li> <li>6. Con/Vivência na rua: uma ação educativa junto às crianças no centro de Salvador</li> <li>7. Ação pedagógica contábil-financeira nas escolas do ensino médio como inclusão social</li> <li>8. Memória social: audiovisual e identidades</li> </ol>	42
Subtotal		8	
Área IV	Licenciatura em Letras	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não ofertou ACC no período estudado</li> </ul>	2
Subtotal			
Área V	Dança	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Acessibilidade em Trânsito Poético</li> <li>2. Hip Hop e Tal: Dança em comunidade e desenvolvimento social</li> <li>3. Pontes entre a dança da universidade e a dança que se produz fora dela: estudos preliminares sobre os contextos artísticos, sociais, econômicos, legais, midiáticos e epistemológicos aí implicados-Salvador</li> </ol>	1

Subtotal		3	
Bacharelados Interdisciplinares	Ciência e Tecnologia Saúde	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ações interdisciplinares em saúde materno-infantil</li> <li>2. Ações interdisciplinares para promoção da saúde e qualidade de vida dos moradores de rua no centro histórico</li> <li>3. Educação em saúde no sistema prisional</li> <li>4. Espaços de práticas, sociabilidade e produção de sentidos em Cosme de farias</li> <li>5. Promoção da Saúde e Qualidade de Vida</li> <li>6. Saúde Mental e Direito Humanos: a educação em saúde como ferramenta de empoderamento</li> </ol>	19
Subtotal		6	
CST	Graduação tecnológica em gestão pública	-	1
Subtotal		0	
	Sem informação		2
Total		57	131

## **Apêndice 7: Lista das áreas de conhecimento e os respectivos cursos**

### **Classificação dos cursos por área de conhecimento da UFBA**

<b>Área do conhecimento</b>	<b>Cursos</b>
Área I	Arquitetura e Urbanismo Engenharia Civil Engenharia da Computação Engenharia de Controle e Automação de Processo Engenharia de Produção Engenharia de Minas Engenharia Elétrica Engenharia Mecânica Engenharia Química Engenharia Sanitária e Ambiental Engenharia de Agrimensura e Cartográfica Física (Lic. e Bach.) Física Geofísica Geologia Geografia (Lic. e Bach.) Oceanografia Química (Lic. , Bach. e Química Industrial) Ciência da Computação Estatística Matemática (Lic. e Bach.) Licenciatura em Computação Sistemas de Informação – Bacharelado
Área II	Biotecnologia Enfermagem Fonoaudiologia Medicina Nutrição Odontologia Saúde Coletiva Fisioterapia Ciências Biológicas (Lic. e Bach.) Farmácia Gastronomia Licenciatura em Ciências Naturais Medicina Veterinária Zootecnia
Área III	Administração Arquivologia Biblioteconomia e Documentação Direito Licenciatura em Educação Física Pedagogia Secretariado Executivo Ciências Contábeis Ciências Econômicas Ciências Sociais (Lic. e Bach.)

	Filosofia História (Lic. e Bach.) Museologia Psicologia Comunicação - Jornalismo / Produção em Comunicação e Cultura Estudos de Gênero e Diversidade (Bach.) Serviço social
Área IV	Letras Vernáculas Letras Vernáculas e Língua Estrangeira Moderna Língua Estrangeira Moderna ou Clássica Língua Estrangeira - Inglês/Espanhol
Área V	Artes Cênicas - Direção Teatral Artes Cênicas - Interpretação Teatral Licenciatura em Teatro Artes Plásticas Design Dança Licenciatura em Desenho e Plástica Curso Superior de Decoração Canto Composição e Regência Instrumento Licenciatura em Música Música Popular
Bacharelados Interdisciplinares (BIs)	Artes Ciência e Tecnologia Humanidades Saúde
CST	Gestão Pública e Gestão Social Transporte Terrestre: Gestão do Transporte e Trânsito

Fonte: <https://www.ufba.br/cursos>